



Organización Internacional del Café
Organizaçào Internacional do Café
Organisation Internationale du Café
International Coffee Organization

ED 1899/03

23 outubro 2003
Original: inglês

P

**Pontos altos das comemorações do
40^º aniversário da Organização e da
89^ª sessão do Conselho
15 – 19 de setembro de 2003,
Cartagena, Colômbia**

Introdução

O Conselho Internacional do Café e a Junta Executiva se reuniram em Cartagena, Colômbia, nos dias 15 a 19 de setembro de 2003, para, a convite do Governo colombiano, celebrar a 89^ª sessão do Conselho e comemorar o 40^º aniversário da Organização. Foi a primeira vez que uma sessão do Conselho se realizou fora da sede da Organização em Londres.

As reuniões transcorreram num período marcado pela pior crise que o café atravessa na história, em que os preços baixos levam a níveis cada vez mais altos de pobreza, desemprego e comoção social nos países produtores. A distorção da cadeia de valor prejudica os países produtores, e o consumo mundial se encontra estagnado. Todavia, a consciência do problema e da necessidade de agir cresce na comunidade internacional e é refletida nos trabalhos da sessão do Conselho, na comunicação do Diretor-Executivo à 5^ª Conferência Ministerial da OMC, em Cancún, México, na semana anterior à do Conselho, e na ampla cobertura que as reuniões da OIC mereceram na imprensa internacional.

Eventos comemorativos – pontos altos

Cerimônia inaugural

Os trabalhos do Conselho foram abertos formalmente em 16 de setembro pelo Presidente da Colômbia, S. Ex^ª o Sr. Álvaro Uribe, na presença do Presidente do Brasil, S. Ex^ª o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, e do Presidente de Honduras, S. Ex^ª o Sr. Ricardo Maduro. As declarações iniciais foram feitas pelos Presidentes e pelo Sr. Gabriel Silva

Luján, Gerente-Geral da Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia, pelo Sr. Jacques Thinsy, da Bélgica, Presidente do Conselho, e pelo Sr. Néstor Osorio, Diretor-Executivo da OIC. A cerimônia inaugural contou com a presença de mais de 500 delegados dos 55 Governos dos países Membros da Organização e do setor cafeeiro privado, assim como de observadores de países não-membros e de outras agências internacionais. Os discursos de abertura estão reproduzidos no Anexo I.

Outorga da Cruz de Prata da Ordem de Boyacá

Durante a cerimônia, o Presidente da Colômbia conferiu à Organização Internacional do Café a Cruz de Prata da Ordem de Boyacá, em reconhecimento de seu 40º aniversário, de seus méritos, de sua contribuição à vida do povo colombiano e de sua importância para o futuro. A Cruz de Prata é a mais alta condecoração outorgada pela Colômbia e foi aceita pelo Diretor-Executivo em nome da Organização.

Outros pontos altos da semana foram:

Chaves da Cidade de Cartagena

O Prefeito de Cartagena apresentou as chaves da cidade ao Diretor-Executivo, numa cerimônia especial realizada na Prefeitura de Cartagena em 15 de setembro de 2003, na presença dos Presidentes da Junta e do Conselho e dos funcionários da Organização que participavam das reuniões.

Seminário sobre o Café e a Saúde

A Organização Internacional do Café e a Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia (FEDERACAFÉ) realizaram um Seminário sobre o Café e a Saúde no Centro de Convenções e Exposições de Cartagena, Colômbia, em 15 de setembro de 2003. O Seminário, presidido pelo Dr. Ernesto Illy, Presidente do Instituto de Informação Científica sobre o Café (ISIC) e do Comitê de Promoção da OIC, congregou cientistas dos países produtores e consumidores e contou com a presença de cerca de 250 participantes de 60 países e do setor privado. As atas do Seminário sobre o Café e a Saúde serão publicadas pela FEDERACAFÉ.

Turnê das áreas de cafeeicultura

As reuniões terminaram com uma turnê das regiões cafeeiras na vizinhança de Pereira e Armenia, em 20 e 21 de setembro. Os delegados mantiveram discussões sobre questões cafeeiras com cafeicultores da região e visitaram o CENICAFÉ, o centro nacional de pesquisa, e o Parque Cafeeiro Nacional em Armenia.

Carimbo comemorativo

Para celebrar o 40^o aniversário, o Ministério das Comunicações e a Administração Postal Nacional lançaram um carimbo comemorativo especial de franquia postal, para uso em 8.000 cartas locais, nacionais e internacionais e outras comunicações postais enviadas diariamente.

Apoio político

Discursos dos Presidentes

Na cerimônia inaugural e, posteriormente, numa conferência de imprensa em 16 de setembro, os Presidentes da Colômbia, do Brasil e de Honduras se referiram ao valor do trabalho da Organização nos últimos 40 anos e, em conversas informais, solicitaram ao Diretor-Executivo que organize discussões entre eles e os líderes das maiores companhias multinacionais do café, em busca de meios para enfrentar a crise dos preços e encontrar soluções justas e sustentáveis (ver Anexo I).

Apoio parlamentar

Reunindo-se em Cartagena em 18 de setembro, parlamentares brasileiros e colombianos reconheceram a OIC como o principal foro mundial para a colaboração e cooperação em questões cafeeiras e declararam seu apoio irrestrito pelas propostas analisadas no contexto das reuniões comemorativas do 40^o aniversário. Uma cópia de sua declaração encontra-se reproduzida no Anexo II.

Mensagens de apoio

S. Ex^a o Sr. Vincent Fox, Presidente do México, o Sr. Poul Nielson, Comissário Europeu para Desenvolvimento e Ajuda Humanitária, o Sr. Ian Johnson, Vice-Presidente de Desenvolvimento Socialmente e Ambientalmente Sustentável, Banco Mundial, e o Sr. Robert Nelson, Diretor-Geral da National Coffee Association of USA, enviaram mensagens reconhecendo a contribuição da OIC à cooperação internacional em questões cafeeiras e seu trabalho para ajudar os países produtores de café desde 1963. As mensagens enviadas são reproduzidas no Anexo III.

Principais resultados das reuniões de Cartagena

Reunião dos líderes do setor com os Presidentes

Ficou combinado que o Diretor-Executivo entraria em contato com os líderes do setor cafeeiro para determinar a possibilidade de uma reunião dos mesmos com os Presidentes da Colômbia, do Brasil e de Honduras, em busca de meios para enfrentar a crise dos preços.

Criação de uma Frente Parlamentar de Defesa do Cafeicultor

Numa reunião em Cartagena em 18 de setembro, parlamentares brasileiros e colombianos assinaram um acordo para criar uma Frente Parlamentar Internacional de Defesa do Cafeicultor e externaram apoio irrestrito à proposta dos Presidentes da Colômbia, do Brasil e de Honduras de conduzir negociações com o setor cafeeiro mundial que levem à recuperação dos preços do café no mercado internacional (ver Anexo II).

Declaração de Cartagena

Preparou-se o projeto de uma declaração que será discutida na reunião da Junta Executiva em Londres em janeiro de 2004 antes de sua distribuição formal aos líderes mundiais.

Aumento do consumo mundial de café

O Conselho aprovou um Plano de Ação para ampliar o consumo mundial de café em que são identificadas quatro áreas-chave:

- Divulgação de informações positivas sobre o café relacionadas com a saúde;
- Melhoria da qualidade;
- Promoção do consumo nos países produtores; e
- Promoção do consumo em mercados novos e emergentes.

A implementação do Plano será examinada pelo Grupo Diretor de Promoção, que também considerará as providências para uma conferência de compromisso, a ser realizada em maio de 2004 para obtenção de recursos entre Membros, não-membros, outras organizações e o setor privado.

Programa de Melhoria da Qualidade do Café

O Conselho manifestou seu apoio pela continuação da implementação do Programa de Melhoria da Qualidade do Café da OIC (PMQC), estabelecido pela Resolução número 407 do Conselho e em vigor desde 1º de outubro de 2002. O PMQC resultou num compromisso

político para com a melhoria da qualidade em escala internacional e tem tido êxito no que se refere ao desenvolvimento de uma consciência cada vez maior da importância da questão para o futuro do setor cafeeiro e à remoção de cafês inferiores do mercado.

Declaração dos produtores sobre a OTA

Os Membros produtores emitiram uma declaração (distribuída como documento ED-1896/03) instando a União Europeia a reconsiderar a proposta de limites ao teor de OTA no café.

Membros

O Conselho acolheu com satisfação o apoio da Comissão de Relações Internacionais do Congresso dos EUA pela volta dos EUA à OIC. Em setembro de 2003, a Comissão escreveu ao Secretário de Estado Colin Powell a fim de enfatizar a importância da participação dos EUA na OIC para a revitalização do setor cafeeiro colombiano e o apoio a soluções baseadas no mercado para a crise do café. O Conselho além disto adotou a Resolução número 417, convidando o Canadá, a China, o Peru, a Federação Russa e outros países não-membros a ingressarem no Convênio de 2001.

Conferência Mundial do Café

O Conselho decidiu que a 2ª Conferência Mundial do Café, reunindo líderes dos setores público e privado, se realizará em Salvador, Brasil, em 18 e 19 de setembro de 2004, seguida pelas reuniões do Conselho Internacional do Café e da Junta Executiva.

**Discursos proferidos na cerimônia inaugural
das comemorações do 40º aniversário da Organização e da
89ª sessão do Conselho Internacional do Café
16 de setembro de 2003, Cartagena, Colômbia**

- S. Ex^a o Sr. Álvaro Uribe Vélez, Presidente da Colômbia
- S. Ex^a o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil
- S. Ex^a o Sr. Ricardo Maduro, Presidente de Honduras
- Sr. Gabriel Silva Luján, Gerente-Geral da Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia
- Sr. Jacques Thinsy, Presidente do Conselho Internacional do Café
- Sr. Néstor Osorio Londoño, Diretor-Executivo da Organização Internacional do Café

**DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O SENHOR ÁLVARO URIBE VÉLEZ,
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA COLÔMBIA**

Senhores Delegados:

Uma ocasião histórica nos reúne: celebramos os quarenta anos de existência da Organização Internacional do Café, o mais bem-sucedido instrumento multilateral e institucional de cooperação econômica entre países industrializados e países em desenvolvimento.

Trata-se, ademais, de uma oportunidade única, porque pela primeira vez o Conselho Internacional do Café celebra uma sessão fora de sua sede habitual em Londres. O Governo da Colômbia, consciente da transcendência desta comemoração e dos méritos da OIC, de suas contribuições à vida do povo colombiano e de seu interesse por nosso futuro, conferiu-lhe a Ordem de Boyacá, no grau de Cruz de Prata. Muito obrigado, senhor Diretor-Executivo da OIC, doutor Néstor Osorio Londoño; muito obrigado a todo o seu pessoal por seu trabalho solidário com a comunidade cafeeira.

É significativo o altíssimo nível da representação política e diplomática que nos acompanha e que realça a transcendência do aniversário que estamos comemorando. Esta coincidência de circunstâncias excepcionais explica-se sem dúvida porque aqui também nos convoca a angústia que aflige todas as nações produtoras de café.

Ainda que aqui estejamos para nos regozijar com os sucessos e a vitalidade remoçada da OIC, o que nos reúne, acima de tudo, é a necessidade de encontrar novos caminhos e propor saídas audazes para o que se converteu na pior e mais prolongada crise mundial do café de que se tem memória.

Aqueles que me antecederam no uso da palavra já lhes falaram sobre a magnitude da tragédia social, econômica e política que afeta todos os países produtores. Não posso deixar de acrescentar nosso testemunho ao de meus colegas, e de apresentar perante este foro o sofrimento e a desesperança que percorrem como um espectro as montanhas da Colômbia.

Os efeitos sociais da crise são aterradores. Vi-os ao visitar as vilas nas montanhas de minha terra e posso testemunhar o impacto da pobreza que se abateu como uma praga inextinguível sobre os cafeicultores, desde que, em meio à euforia da liberação dos mercados, renunciámos aos mecanismos de cooperação e coordenação. Desde essa altura, os produtores e consumidores começaram a definir sua estratégia cafeeira individualmente, com muito pouca visão e demasiada ambição.

Depois do colapso do sistema de quotas, vendeu-se a idéia do mercado livre de café aos países produtores como se ele fosse uma bênção, em que o crescimento do volume das exportações compensaria o declínio sem precedentes dos preços. A realidade foi diferente e trágica, pois as quotas não foram substituídas por práticas comerciais capazes de salvaguardar a renda dos produtores, embora o sistema de quotas atentasse contra qualquer iniciativa em favor da competição nos cafezais e o mercado livre tenha tirado os cafeicultores da letargia da ineficiência, para iniciarem ajustes profundos e dolorosos na cafeicultura, com o ânimo de torná-la mais eficiente e competitiva.

A Colômbia, por exemplo, entre 1999 e 2002 incrementou sua produtividade em 45%, em número de sacas por hectare. O custo de produção caiu de um dólar em 1998 para 62 centavos o ano passado. Em menos de uma década, o parque cafeeiro perdeu 35% de seu tamanho, com uma proporção significativa pertencente a áreas marginais, que se têm dedicado a atividades agropecuárias mais compensadoras.

No Brasil, os esforços foram igualmente significativos. A produtividade aumentou 67% entre 1995 e 2001. A área cultivada diminuiu cerca de 400.000 hectares; os custos de produção se tornaram consideravelmente menores, reduzindo a falta de competitividade que afetava a cafeicultura do Brasil desde meados dos anos 90.

Mas a crise continua implacável, e os esforços dos produtores são estéreis. Entre 1997 e 2002, as exportações mundiais de café perderam 60% de seu valor, passando de US\$ 12,9 bilhões a US\$ 5,3 bilhões. Durante o mesmo período, por outro lado, o volume das exportações aumentou 9%, passando de 80,3 para 87,7 milhões de sacas.

Quer dizer: enquanto nas receitas houve uma queda de US\$7,6 bilhões, em volume houve um aumento de 7,4 milhões de sacas. Isto reflete um dado tão contundente como preocupante sobre a crise cafeeira: por cada saca adicional de café que se colocou no mercado internacional, perdeu-se mais de 1.000 dólares em receita.

Aos esforços dos produtores, somam-se os de seus Governos, que, em meio a crises fiscais, forçaram espaços orçamentários para apoiar programas de investimento social nas zonas cafeeiras de seus países.

Foi o que fizemos na Colômbia, através de uma política de apoio direto à renda do cafeicultor; de apoio financeiro a programas de assistência técnica e investigação científica; de financiamento de programas para renovação dos cafezais, em conjunto com o plantio de milho e feijão para complementar as rendas; e de acompanhamento das políticas de reestruturação das dívidas dos cafeicultores. Foram esforços fiscalmente dispendiosos e socialmente insuficientes.

A crise persiste. Devido aos preços internacionais mais baixos da história, na zona cafeeira surgiram fenômenos de deterioração social nunca antes vistos. A desnutrição infantil é hoje superior à média rural nacional; 45% dos cafeicultores mais pobres reduziram notoriamente suas compras de alimentos; a deserção escolar mantém um terço das crianças mais vulneráveis fora da escola; as mulheres e os adolescentes abandonaram as propriedades rurais para tentar subsistir nas zonas urbanas; a renda *per capita* dos cafeicultores caiu para menos da metade em apenas cinco anos.

Alguns estão optando pelo plantio de cultivos ilícitos, pois o desespero gerado pela crise deriva para a tentação das rendas fáceis do narcotráfico.

Faltou-nos imaginação? Aos nossos esforços para alcançar maior produtividade e redução de custos, temos de acrescentar mais imaginação para encontrar soluções. Nossa dependência econômica e social em relação ao cultivo de café nos impede de esmorecer nesta luta.

A incompreensão e indiferença da indústria torrefatora dos países consumidores terá travado a implementação de soluções audazes para a crise? Creio que é o momento de fazer um apelo à indústria torrefatora multinacional para que participe decididamente da busca de soluções.

Se não oferecermos um panorama mais claro aos produtores, o dos consumidores com certeza se obscurecerá, pois esta crise também é do consumo. Por isso, os torrefatores e a indústria processadora devem guardar suas calculadoras, deixar de pensar em termos de negócios imediatos e fazer um exercício de reflexão para contribuir com soluções.

Seu próprio futuro também está em jogo, e sua vulnerabilidade é crescente. Se a crise persistir, as alternativas de fornecimento aos consumidores irão se extinguindo, e a diversidade de origens a seu dispor se reduzirá a dois ou três países capazes de manter uma oferta estável de café. E nada haveria de mais daninho para a cafeicultura mundial do que o aumento da concentração do mercado!

Creio que não devemos demorar para atuar, pois as conseqüências da crise estão cruzando nossas fronteiras. Já não podemos falar apenas de problemas domésticos pelo fato de um setor de nossa economia se achar em dificuldades. Esta é uma crise internacional!

A difícil situação mundial do café exacerbou a imigração ilegal nos países desenvolvidos, incentivou o crescimento dos cultivos ilícitos e a ameaça narcoterrorista, e está pondo em risco a segurança nacional de muitos países.

Na Colômbia, o setor cafeeiro e sua rede social são há mais de um século a coluna vertebral de nossa estabilidade institucional. Nos setores de cultivo os melhores esforços regionais têm sido feitos para introduzir eqüidade na distribuição de renda. As regiões cafeeiras têm sido e continuarão sendo uma barreira de defesa democrática.

Na Colômbia, o café deixou de ser um negócio lucrativo; ele é uma solução social, que surge de uma estrutura democrática com predomínio de pequenos produtores.

Os efeitos sociais da crise atingiram todos os produtores: o Banco Mundial, referindo-se à América Central, define a crise cafeeira como um Furacão Mitch silencioso. A cafeicultura absorve 28% da mão-de-obra rural centro-americana. Nos Camarões, que têm 15 milhões de habitantes, 2 milhões de pessoas dependem do café. Na Côte d'Ivoire, a metade de uma população de 17 milhões de pessoas depende do café e do cacau. No Brasil, mais de 70% de um total de 300.000 produtores são pequenos e médios e 3,5 milhões de pessoas vivem da cafeicultura.

Devemos todos – consumidores, produtores, entidades multilaterais, governantes, políticos – trilhar o caminho da cooperação e da coordenação.

Para isso, há 40 anos funciona a Organização Internacional do Café: para que os espaços de cooperação se mantenham abertos; para que produtores e consumidores de café tenham seu próprio foro de discussão. E, também, para que os camponeses cafeicultores disponham de uma instância que proporcione soluções para suas dificuldades.

Nós, países produtores, temos toda a vontade de contribuir para o fortalecimento dos acordos e o desenvolvimento de outros novos, como demonstra a presença do Presidente Lula, do Brasil, e do Presidente Maduro, de Honduras, representando a América Central.

Os países consumidores têm a responsabilidade de tomar uma atitude mais participativa, e esta é sua oportunidade de ouro. Eles não podem deixar de aproveitá-la.

Por isso, proponho-lhes que trabalhem com vontade política na promoção da qualidade do café; no incremento do consumo mundial da bebida; na geração de projetos que garantam a sustentabilidade de longo prazo do cultivo.

Que nós, produtores, coordenemos nossas políticas internas e promovamos o intercâmbio de informação para evitar desordens no mercado; que os consumidores gerem mecanismos de comercialização transparentes e previsíveis e eliminem as barreiras alfandegárias que castigam a agregação de valor na cadeia do café.

É preciso que todos os países consumidores – incluindo os Estados Unidos, que consomem 35% da produção mundial – façam parte, e de maneira ativa, da OIC. Este passo garantirá que todos adotem padrões de qualidade que, orientando o mercado, se convertam na garantia de um bom produto para os consumidores, de uma remuneração equitativa para os produtores e de boas práticas de produção que, protegendo o meio ambiente, assegurem a sustentabilidade dos cultivos.

Minha intuição me diz que a preocupação com as quantidades obscureceu o horizonte dos cafés especiais de diferentes modalidades, liderados pelos orgânicos.

Esta é a grande revolução produtiva que exigimos. Ademais, ela permite combinar o cultivo do grão com as sombras de bosques de madeiras finas, com outros cultivos necessários para a segurança alimentar e com práticas de limpeza biológica. Este é o grande produto que devemos oferecer ao público, de maneira direta, em lojas especializadas.

Na ausência do sistema de quotas, creio, devemos adotar com urgência mecanismos de mercado, como as opções de venda do Brasil, ou outros similares, que garantam um preço mínimo ao produtor: se o preço comercial excede esse preço, parte da diferença pode ser depositada em contas de poupança individual dos produtores, cujos saldos eles reclamariam em caso contrário, quando o preço comercial estivesse abaixo do mínimo.

A garantia do preço mínimo poderia ser apoiada por uma contribuição orçamentária dos países produtores e consumidores. E, como fez a Colômbia, a integração solidária dos produtores exige a manutenção de um componente da receita para programas de benefício social e comunitário.

A agenda é complexa e as soluções não cairão do céu. Cem milhões de cafeicultores do mundo inteiro esperam muito de nós.

Não os defraudemos, pois sua paciência está chegando ao limite.

Muito obrigado.

**DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O SENHOR LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA,
PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Senhor Presidente,

Foi com muita honra que aceitei o convite do Presidente Uribe Vélez para participar, aqui em Cartagena de Índias, das celebrações dos 40 anos de fundação da Organização Internacional do Café.

O Brasil, juntamente com a Colômbia e outros países produtores de café aqui representados, esteve presente no nascimento desta organização destinada a valorizar um produto que se confunde com a própria história e cultura de nossos países.

Nós brasileiros apreciamos o café por seu aroma e paladar, e pelos hábitos e costumes que marcam nosso dia-a-dia e que ajudaram a forjar nossa identidade nacional.

Apreciamos o café, sobretudo, por outra razão. Mais do que qualquer outro produto, o café foi um divisor de águas na trajetória econômica do Brasil.

A riqueza do café trouxe investimentos que construíram o Brasil moderno.

A partir de meados do século XIX, as plantações e os braços que as trabalhavam se multiplicaram em solo brasileiro. A cafeicultura se transformou na principal atividade agrícola e passou a responder por mais da metade da renda das exportações.

Ao contrário dos outros produtos que, em diferentes épocas, trouxeram riqueza efêmera, o café construiu as estradas de ferro, ampliou os portos e gerou a prosperidade que está à base do crescimento econômico que o país conheceu durante décadas.

Foi a produção e a exportação do café que permitiram a um país como o Brasil, pobre e atrasado, trilhar o caminho da industrialização e do progresso.

Esta é a história também de muitos países aqui presentes. Por isso a OIC é tão importante. Uma organização que possa valorizar, a um preço internacional justo, o trabalho e o investimento de nossa gente.

Senhor Presidente,

No momento em que a OIC completa 40 anos, há muitas realizações passadas a celebrar.

Mas devemos também lembrar o desafio que representam as profundas transformações na economia internacional das últimas quatro décadas. Nesse período, os produtos de base perderam o valor que tiveram no passado, com a deterioração nos termos de intercâmbio.

Para o presente e o futuro fica o desafio de revalorização de nosso produto, que, para muitos, é uma fonte crucial e insubstituível de divisas.

Diante dos preços aviltados para o café nos mercados internacionais, a OIC e os produtores e consumidores precisam, mais do que nunca, cooperar para encontrar soluções duradouras e, sobretudo, justas.

Soluções que remuneram, de forma equitativa, todos aqueles que, com seu engenho e suor, ajudam a transformar a terra virgem na bebida mais popular no mundo.

É inaceitável que hoje apenas um lado esteja ganhando: a indústria torrefatora nos países desenvolvidos, as boutiques de café, sem falar nos países que impõem elevados tributos internos ao café processado. Enfim, os intermediários na colocação do café nos mercados consumidores.

Precisamos evitar que a drástica redução dos preços desencadeie ciclo vicioso em que todos perdem: o empobrecimento irreversível dos produtores de café, a queda da qualidade, o abandono das lavouras, o crescimento da marginalidade, a instabilidade no campo.

E também os consumidores finais, pois os preços baixos pagos ao produtor não impedem que continuem pagando um preço muito elevado pela sua xícara de café.

Nós, países produtores, temos assistido, quase que impotentes, ao desenrolar dessa crise.

Estamos nos empenhando, na OIC, para implementar um programa para melhorar a qualidade do produto oferecido ao consumidor final.

O Brasil está fortemente engajado nessa estratégia, pois, ainda hoje, o café continua sendo muito mais do que um gerador de exportações e de divisas.

O Brasil se diversificou e incorporou grande número de novos bens à pauta de exportação, mas o café ainda é vital para a sobrevivência de milhões de famílias brasileiras.

Para uma grande parcela da nossa população, é o café que lhe dá força para trabalhar no dia-a-dia.

Os cafezais se espalham por cerca de 300.000 propriedades rurais. Empregam mais de 3 milhões de agricultores e geram outros 5 milhões de empregos indiretos.

É, portanto, um setor estratégico da economia brasileira.

Junto com as lideranças políticas, produtivas e trabalhadoras, o Governo brasileiro tem se empenhado em formular políticas para viabilizar economicamente os produtores e suas famílias.

A marca da política cafeeira de minha Administração tem sido a busca pela melhoria na remuneração da produção e nas condições de vida dos trabalhadores da cafeicultura, e pela redução das desigualdades.

É assim que vamos aumentar as vendas e os preços. Em parceria com o setor privado, o Governo brasileiro está fazendo a sua parte. Estamos estabelecendo uma política permanente de incentivo ao consumo doméstico e buscando melhor qualidade do produto.

Mas, como exigir do produtor qualidade quando sua renda cai a olhos vistos?

Senhor Presidente,

Como já aprendemos no Brasil, não há fórmulas mágicas para resolver os graves problemas da cafeicultura.

Uma resposta duradoura, que garanta os interesses estratégicos de nossos países, está num esforço redobrado para conquistar e ampliar mercados. A verdade é que os mercados internacionais estão inundados por um excedente do produto. Pior, a demanda está praticamente estagnada, sem perspectiva de melhora se não tomarmos medidas consistentes.

A OIC continuará a ter um papel primordial nesse esforço. Há, no entanto, outros canais de ação coordenada a explorar. Para o Brasil, as negociações em curso na Organização Mundial do Comércio terão papel decisivo na abertura e expansão dos mercados.

O café, como os demais produtos de base, sofre as conseqüências da agressiva política protecionista dos países importadores. Resolver o problema do café é exigir uma verdadeira liberalização do comércio. É obter o compromisso dos países importadores de reduzir as altas tarifas que criam obstáculos formidáveis à agregação de valor ao café que exportamos.

Nesse sentido, apelamos aos países importadores para que reduzam a zero as tarifas sobre o café processado, e assim apóiem a industrialização dos países produtores.

O Brasil e outros países produtores, como Colômbia, Costa Rica, Cuba, Guatemala, Índia, México, Peru, Venezuela e Tailândia, apresentaram proposta construtiva e realista para as negociações agrícolas na OMC, como uma contribuição para a eliminação do protecionismo, que limita seriamente nosso desenvolvimento sustentável.

Esperamos, do lado dos importadores, resposta igualmente construtiva e realista.

Senhor Presidente,

Para o Brasil, o balanço desses 40 anos de existência da OIC é positivo. Muito se realizou, e os frutos gerados fizeram as lavouras e o consumo se expandir.

Mas temos pela frente árduas tarefas. Precisamos buscar recuperar, a níveis minimamente remunerativos, a rentabilidade do setor produtor. Precisamos abrir novas perspectivas, pelo aumento do consumo doméstico e pela conquista de novos mercados.

Precisamos também convencer nossos parceiros no mundo desenvolvido a dismantelar suas barreiras ao nosso café processado.

Por meio do diálogo e da persuasão, estou seguro de que os Membros da OIC saberão encontrar as soluções inovadoras para vencer a presente crise de forma duradoura e em benefício de todos, produtores e consumidores.

Acima de tudo, tenho a convicção de que a OIC sairá fortalecida e o café voltará a ser instrumento para a realização das aspirações de muitos países de trilhar a estrada do crescimento e da prosperidade. O Governo brasileiro estará empenhado nesta direção.

Muito obrigado, e boa reunião.

**DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O SENHOR RICARDO MADURO,
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE HONDURAS
(tradução da transcrição)**

Excelentíssimo Senhor Presidente Álvaro Uribe Vélez,
Excelentíssimo Senhor Presidente Luiz Inácio Lula da Silva,
Senhor Secretário-Geral da OEA, Doutor César Gaviria,
Senhor Gerente-Geral da Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia,
Doutor Gabriel Silva,
Doutor Néstor Osorio, Diretor-Executivo da OIC,
Senhor Jacques Thinsky, Presidente do Conselho Internacional do Café,
Senhoras e Senhores Ministros,
Senhores Delegados,

Se me permitem, vou hoje falar mais como centro-americano do que como hondurenho. A situação de Honduras no que concerne ao café é muito semelhante à de todos os países da região. Nós, os Chefes de Estado, nos reunimos com muita frequência para conseguir a integração da região e, quando nos reunimos, o café sempre está na agenda.

Todos reconhecemos a oportunidade inegável de criar um futuro de bem-estar equitativo para nossas populações, ampliando os avanços que nos últimos 20 ou 30 anos se concretizaram em nossos sistemas democráticos, na participação civil e na equidade relativa. Estamos todos cientes do desafio de crescer com equidade ou, por outras palavras, de reduzir a pobreza, procurando ao mesmo tempo fortalecer ou, pelo menos, manter nossa institucionalidade, ou seja, a credibilidade dos governos e, ainda mais, de nossos sistemas políticos e sociais.

Reconhecemos que avançamos muito na abertura de mercados, mas também reconhecemos que mudanças profundas mas necessárias às vezes geram incertezas, as quais, por sua vez, tendem a gerar maiores margens na intermediação e investimentos de curto prazo e, portanto, maior volatilidade, na procura de contrabalançar as incertezas criadas com a mudança das regras do jogo. Nestes casos, os resultados das medidas podem ser socialmente regressivos, um custo que não podemos nos dar o luxo de sofrer.

Reconhecemos que a globalização oferece enormes oportunidades e que na verdade devemos acelerar a adaptação. Esta nos permitirá melhorar os termos de troca de nossos produtos – meta que, necessariamente, terá que ser objeto de considerável investimento em nosso capital humano e, de forma geral, em nossas condições de competitividade. Também reconhecemos que esta adaptação deve fazer-se com respeito às limitações de nossa capacidade de mudança, a nossos costumes e a nossas culturas, pois do contrário corremos o risco de perder nossa identidade. Os governos têm não só o dever como também a obrigação de regulamentar o processo, freqüentemente com bons resultados em muitas de nossas economias de pequeno porte e, a nível mundial, em muitos mercados.

Reconhecemos também que devemos fazer isto num ambiente político em que a governabilidade depende cada vez mais do juízo cada vez mais constante, praticamente diário – da lição virtual, como dizia um conhecido analista político – e que, portanto, nosso capital político, ou seja, nossa capacidade de gerar as mudanças e reformas que ocupam nossas

populações, dependem desse juízo diário. Sabemos que este capital político depende em boa medida da obtenção de resultados reais, perceptíveis, em benefício, principalmente, da maioria dos mais desfavorecidos de nossas sociedades.

Também sabemos que não podemos fazê-lo criando o risco de regressividade social em nenhuma de nossas ações, programas ou estratégias. Sabemos que devemos atacar com agressividade, dedicação e valentia, como faz o Presidente Uribe aqui na Colômbia, o repto do crime organizado e hoje em dia internacionalizado e supremamente bem financiado e preparado para desafiar as instituições de nossos governos. Sabemos e reconhecemos que a conjuntura é propícia, que as populações na realidade nos apóiam, mas que esta oportunidade correrá riscos se os resultados esperados não forem alcançados.

A região tem a vontade, mas vê-se em situação de expectativa; a oportunidade existe, mas é limitada; podemos construir um futuro melhor, mas estamos sendo testados. Já vimos o que acontece quando alguns de nossos povos, ante a frustração de expectativas insatisfeitas, escolhe descartar as políticas, os modelos e inclusive as instituições.

Não nos deve, então, surpreender que três Presidentes estejam aqui, nesta reunião da Organização Internacional do Café, pois a atual conjuntura do café, em grande medida, é emblemática das conjunturas de nossas populações, de nossas relações internacionais, relações comerciais e possibilidades econômicas – em particular no caso dos países em cujas economias a participação da produção de café é elevada.

Não se trata apenas de conseguir recuperar os 600.000 empregos extintos na América Central, ou de ajudar os 25 milhões de pessoas que são vítimas da crise no mundo todo, mas de encontrar uma solução duradoura para aqueles que dependem do café, que, em grande medida, representam as camadas mais pobres de nossas sociedades.

Mais do que a simples elevação do preço do café o suficiente para que ele se coloque minimamente acima dos custos de produção, trata-se de reencontrar o equilíbrio entre todos os produtores e consumidores, para conseguir preços sustentáveis, rentáveis e equitativos capazes de demonstrar que é possível conseguir que os mercados internacionais funcionem de modo a produzir resultados constantes e equitativos.

Não se trata apenas de conseguir um mínimo de rentabilidade para as atividades de milhões de pessoas do campo, mas de, com respeito por suas culturas, lhes dar a oportunidade de se adaptar à situação do futuro com dignidade e de se modernizar ou, sendo necessário, de diversificar suas atividades, contando com a tolerância e a solidariedade necessárias para que isto seja feito sem agravar sua pobreza.

Ao falarmos do problema do café, falamos do problema de conseguir o funcionamento dos mercados internacionais de forma que permita promover a equidade social e comercial – equidade não só para os produtores, como também ao longo de toda a cadeia de agregação de valor, para que a distribuição deste último não sofra mudanças dramáticas, em prejuízo dos mais pobres, como vem ocorrendo nos últimos seis anos no caso do café.

O café, então, tem muitíssimo a ver com nosso futuro. Ele reflete conjuntamente nossa problemática e requer soluções decisivas e urgentes. Na verdade, ele representa nossa capacidade de nos adaptar para conseguir um futuro de crescimento com equidade e tem a ver, de forma direta, com a solidariedade e o respeito entre países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento.

Para ser encontrado nos mercados internacionais, ele conta, portanto, com efetiva confiança em nossos modelos de desenvolvimento. Mais do que a crise do café, o que vivemos é uma crise e uma conjuntura, uma oportunidade política e social.

É com esta convicção que hoje compareço, um dia após celebrarmos o 182^o aniversário da Independência de Honduras e da América Central, a este importantíssimo evento. Agradeço a meu bom amigo, o Presidente Uribe, e à Organização Internacional do Café esta oportunidade de expressar a um grupo tão ilustre de líderes aqui presentes – e, através deste foro, a alguns não presentes – minha convicção da imensa importância e do caráter exemplar que a problemática atual do café encerra para todos nós. Creio firmemente que, juntos, conseguiremos converter novamente a economia do café numa economia sustentável e equitativa.

Muito obrigado.

DISCURSO DO SENHOR GABRIEL SILVA LUJÁN, GERENTE-GERAL DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS CAFEICULTORES DA COLÔMBIA

Em nome dos cafeicultores da Colômbia, em nome das 500.000 famílias que vivem do cultivo de café em nosso país, recebam as mais cordiais boas-vindas. Cartagena será, durante esta semana, a encruzilhada dos caminhos da cafeicultura mundial. Neste recinto convergem aqueles que têm em suas mãos as ferramentas necessárias para forjar um destino de esperança para mais de 100 milhões de pessoas cuja existência está inexoravelmente jungida à sorte do café. Por isso entendo bem, Senhores Presidentes, Senhores Ministros, Senhor Diretor-Executivo e colegas delegados, que minha responsabilidade neste ato ultrapassa o papel de bom anfitrião. É minha obrigação não deixar passar esta ocasião sem transmitir-lhes as angústias e as esperanças dos cafeicultores de meu país e do mundo todo.

Estamos celebrando 40 anos de existência da Organização Internacional do Café, instituição que tem demonstrado reiteradamente que é possível encontrar caminhos de solidariedade e cooperação para construir soluções de consenso que tornem mais equitativos os mercados de produtos básicos. Ninguém pode negar o profundo impacto que a OIC teve na melhoria da qualidade de vida dos cafeicultores, na difusão e promoção do consumo de café, na investigação e análise técnica dos problemas do setor, na defesa da qualidade – enfim, em orientar um mercado que, sem sua ação, teria ficado insensível às angústias de milhões de camponeses e produtores nos países em desenvolvimento. Estou seguro de que interpreto o sentir dos cafeicultores de todos os continentes quando manifesto nossos sentimentos de gratidão à Organização, ao Doutor Néstor Osorio e àqueles que o precederam em suas responsabilidades e que hoje nos acompanham.

Vimos a Cartagena numa altura em que os cafeicultores do mundo enfrentam a mais prolongada e mais profunda crise da história. Não podemos deixar de assinalar – e faremos isto até que nossas palavras encontrem eco e se traduzam em soluções – que nos últimos quatro anos os cafeicultores perderam mais de 60% de sua renda; que os indicadores de fome e miséria nas zonas cafeeiras dobraram na Colômbia e triplicaram em outros países; que dois milhões de empregos se perderam; que milhares de pequenas propriedades e fazendas foram abandonadas; que a desesperança, a violência e a instabilidade foram semeadas onde antes floresciam sorrisos e cafezais.

Muito se disse e muito se escreveu sobre a origem desta crise. Não vou repetir essas análises exaustivas e complexas, mas me limitarei a referir a conclusão que está no coração e na mente dos cafeicultores. O mercado livre, desprovido de orientação e ordem, as tão propaladas e inquestionáveis virtudes da oferta e da demanda falharam para o produtor de café. Da euforia da revolução conservadora dos anos 80 só resta a amargura de ter perdido os mecanismos de ordenamento do mercado e de ter sacrificado instituições nacionais que prestavam bons serviços aos cafeicultores. A desesperança se nutre, além disso, na percepção de que os dias passam e a pobreza não cessa; de que os problemas são discutidos à sociedade e não aparecem soluções; de que os trabalhadores e camponeses do café estão sozinhos. Os homens e mulheres do café sentem que há uma enorme indiferença.

Esta reunião, Senhoras e Senhores, não é apenas o centro de atenção da imprensa mundial ou dos que atuam na indústria e nas bolsas das grandes capitais. Nas montanhas, nos cafezais de todos os nossos países, milhões de olhos e ouvidos se fixam no que aqui se decida e no que

aqui se faça. A razão é que os cafeicultores já deram tudo, já ofereceram uma imensa cota de sacrifício. O incremento da produtividade, o aumento da eficiência, o ajuste dos custos, todas as terapias prescritas pelos organismos multilaterais não produziram resultados. E, o que é pior, o consumidor final não se beneficiou nem com a qualidade nem com o preço.

É por isto que como cafeicultores não podemos deixar passar esta oportunidade. É por isto, Senhor Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que os trabalhadores e camponeses ligados ao café apelam à sua sensibilidade social – que está na origem popular do seu mandato – e à sua reconhecida liderança internacional, pedindo que Vossa Excelência assuma com firmeza e empenho a iniciativa que cabe ao Brasil como principal produtor do mundo. É indispensável assinalar para o mercado que seu país, Senhor Presidente, será um ator responsável, alinhado com os interesses dos países produtores, e que trabalhará para que a cooperação internacional se traduza em feitos reais, capazes de conduzir ao melhoramento da situação dos preços internacionais.

Os cafeicultores também esperam, Senhor Presidente Álvaro Uribe, que sua liderança internacional na defesa da democracia e na luta contra o terrorismo sirva para explicar ao mundo que o colapso social nas zonas produtoras se traduzirá num desafio para a estabilidade política de mais de 50 países em desenvolvimento, e que, além disso, a crise está alimentando a expansão de ameaças à segurança internacional como as do narcotráfico e dos grupos armados. Os cafeicultores também apelam a Vossa Excelência, Senhor Presidente Ricardo Maduro, para que, em seu papel de representante da América Central, faça ver aos Estados Unidos que a indiferença deles à crise está alimentando a migração ilegal e despertando o monstro adormecido da violência superada na região e provocando o desmoronamento social. É hora de confirmar para os cafeicultores que se tem a mais alta vontade política de mudar as coisas.

De Vossa Excelência, Senhor Presidente do Conselho Jacques Thinsky, que também desempenha o papel de porta-voz dos países consumidores, os cafeicultores exigem que leve à indústria a mensagem de que o egoísmo e a miopia da maximização de ganhos regressarão como um espectro para atormentá-la quando já for demasiado tarde para garantir a viabilidade da cafeicultura mundial.

E de todos nós aqui presentes, os cafeicultores exigem que estejamos à altura de sua tragédia e abandonemos a parcimônia natural dos processos diplomáticos, que não negociemos em adjetivos, que ponhamos de lado interesses parciais para construir uma nova e eficaz agenda para a OIC. Senhoras e Senhores, não podemos ficar abaixo das exigências desta hora; das conclusões a que chegemos depende a recuperação da esperança por 25 milhões de famílias.

Muito obrigado.

**DISCURSO DO SENHOR JACQUES THINSY,
PRESIDENTE DO CONSELHO INTERNACIONAL DO CAFÉ**

Senhor Presidente da República da Colômbia,
Senhor Presidente da República Federativa do Brasil,
Senhor Presidente da República de Honduras,
Senhor Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos,
Senhor Diretor-Executivo da Organização Internacional do Café,
Senhor Representante da Colômbia no Conselho Internacional do Café,
Senhores Ministros,
Senhoras e Senhores Representantes dos Países Membros da OIC,
Caros amigos e amigas da comunidade mundial do café,

É uma grande honra para mim, como Presidente do Conselho Internacional do Café e como representante da Bélgica, falar hoje a esta platéia em Cartagena de Índias.

De início, em nome de todos os Membros do Conselho, quero agradecer às autoridades da Colômbia seu convite para que nos reuníssemos aqui, nesta bela cidade antiga do Novo Mundo. Meus agradecimentos dirigem-se também à Federação Nacional dos Cafeicultores, que nos acolhe tão bem, de modo caloroso e eficaz.

Senhoras e Senhores,

Esta sessão do Conselho Internacional do Café, que transcorre num país produtor, coincide com uma das crises mais graves do setor cafeeiro. O Diretor-Executivo acaba de lhes falar sobre ela e sobre as soluções que constituem objeto do trabalho da Organização.

A participação de tantas altas autoridades em nossos trabalhos de hoje mostra a preocupação causada pela crise e dá a nosso Conselho uma importância política especial.

Esta alta participação também confirma a importância da Organização Internacional do Café como foro permanente de diálogo entre países produtores e consumidores.

No momento em que grandes conferências como a de Cancún fracassam, talvez devido à complexidade das negociações em torno de temas numerosos e difíceis, a OIC, ao contrário, continua sendo o lugar para fortalecer, de forma concreta, a cooperação e a solidariedade entre produtores e consumidores, entre o Norte e o Sul.

Os antigos métodos usados para gerir o mercado internacional foram abandonados, mas nós agora procuramos novos caminhos de cooperação, que devem atender aos interesses de todos os participantes do mundo do café e, em particular, aos interesses dos mais frágeis e dos mais pobres. As forças do mercado freqüentemente são um poderoso motor do desenvolvimento, mas compete aos governos e às organizações internacionais velar para que a economia funcione no interesse de todos, não esquecendo os países ou camadas de população à margem do caminho do desenvolvimento.

É isso, portanto, o que procuramos fazer neste foro, onde as dificuldades de uns e de outros podem ser externadas e onde podemos trabalhar juntos para encontrar soluções.

Senhoras e Senhores, não vou alongar minha intervenção, porque chegou o momento de dar a palavra às altas autoridades que se encontram entre nós.

Já, em nosso nome, quero agradecer a presença de Suas Excelências, que honra o Conselho e revigora nossa vontade de trabalhar juntos no interesse de toda a comunidade cafeeira internacional.

Muito obrigado.

**DISCURSO DO SENHOR NÉSTOR OSORIO LONDOÑO,
DIRETOR-EXECUTIVO DA
ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ**

Ao manifestar com profunda emoção meu reconhecimento e gratidão ao Governo da Colômbia e à Federação Nacional dos Cafeicultores pela honra que nos concedem ao acolherem em Cartagena a comunidade cafeeira mundial, para comemoração dos quarenta anos de existência da Organização Internacional do Café, quero, antes de mais nada, Senhor Presidente Uribe Velez, ressaltar o significado político de sua presença neste ato.

Sua presença representa o apoio a uma instituição que, como eixo da cooperação cafeeira internacional, busca com urgência unir esforços e vontades para desenvolver políticas destinadas a melhorar as condições de vida dos cafeicultores do mundo.

Com este sentido e propósito, foi criada esta Organização, que, ao longo de sua história, tem servido como modelo para o desenvolvimento institucional de outros produtos básicos. Durante quase três décadas, houve consenso quanto à necessidade de contar com acordos e regras pactuadas entre produtores e consumidores para ordenar o mercado e propiciar níveis mínimos de preços para o café, num contexto de garantia de seu fornecimento à indústria. Era este o meio que se utilizava para reduzir a pobreza nos países em desenvolvimento dependentes de um punhado de produtos básicos, melhorar sua participação no comércio mundial e, em última análise, contribuir para a construção da paz.

Na última década, esse consenso foi substituído por novas doutrinas de liberalização. O golpe para os produtores de café e de outros produtos básicos tropicais foi certo, pois expôs sua vulnerabilidade. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que os suportes institucionais eram extintos, os países desenvolvidos reforçavam a defesa e o apoio a seus produtos agrícolas.

Este novo enfoque contribuiu para acentuar a dependência de muitos países em desenvolvimento em relação aos produtos básicos, pois as opções de diversificação se anulam ante a impossibilidade de acesso de outros produtos agrícolas e industriais aos mercados.

Suscitei esta questão ante os Governos dos países desenvolvidos e organismos internacionais, e recentemente, na Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio, pedi que, em suas negociações, eles acordem medidas para impedir a concorrência desigual e o desequilíbrio derivados das políticas de proteção e subsídios. O que ocorreu em Cancún é decepcionante.

Sei muito bem, Senhor Presidente Lula da Silva, como são importantes para o Brasil as ações neste campo, e tenho plena consciência do papel decisivo que seu país desempenha neste processo. O fato de Vossa Excelência ter consentido em enaltecer esta comemoração com sua participação e presença robustece o apoio do Brasil a uma instituição que ele contribuiu para criar, como país fundador, e para desenvolver, como condutor e inspirador da política cafeeira internacional. O aporte e a liderança do Brasil, exercidos a justo e duplo título pelo país que é o primeiro produtor e o segundo consumidor mundial de café, são condições imprescindíveis para dar novas orientações e conteúdo à cooperação cafeeira internacional.

Agora são outras as realidades políticas e as concepções econômicas que governam a dinâmica comercial, e não podemos contentar-nos com as boas recordações do passado. Temos que inovar e encontrar caminhos diferentes para devolver o justo valor a um produto como o café, do qual depende a sobrevivência de milhões de famílias no mundo todo.

Não se trata de intervir no mercado, mas de influir nas variáveis que o condicionam, a fim de que o café seja rentável para aqueles que o produzem, e acessível para aqueles que o processam e distribuem. O desafio está na reformulação de um consenso que garanta a sustentabilidade do setor cafeeiro.

Os primeiros ingredientes deste novo enfoque são as ações que propusemos para desenvolver a Organização Internacional do Café nas esferas da melhoria da qualidade, promoção do consumo e projetos de diversificação que gerem receitas complementares para os cafeicultores. Para que estes esforços se traduzam em resultados efetivos, uma cooperação mais ampla é necessária. Com a universalização desta cooperação, haverá maiores possibilidades de encontrar soluções para a crise.

Foi por esta razão que, em associação com os representantes dos países produtores e consumidores Membros da OIC, apelamos aos Governos dos Estados Unidos, Canadá, Rússia e China a ingressarem em nossa Organização e contribuírem para a formulação destas novas estratégias.

Nesta atividade política e diplomática, Vossa Excelência, Senhor Presidente Maduro, assumiu o papel de porta-voz da região centro-americana, com toda a autoridade que lhe confere o fato de governar Honduras, um dos países mais duramente golpeados pela crise. Seu diálogo e correspondência com o Presidente Bush refletem sua enorme contribuição à inclusão do tema do café na agenda política dos Estados Unidos e à análise de todos os componentes e implicações da crise. Sua presença neste ato é uma honra para nossa Organização.

O Congresso dos Estados Unidos e os representantes do setor cafeeiro têm sido receptivos a nossos apelos e coadjuvado nossa ação, instando seu Governo a reingressar na Organização Internacional do Café e a influir na dinâmica da busca de soluções. Estamos aguardando uma decisão.

Nesta memorável efeméride, reitero meu apelo aos Governos e à indústria dos países importadores e exportadores de café, bem como aos Organismos Internacionais, a que transformem em realidade os postulados de cooperação e contribuam para a formulação e implementação de medidas e estratégias que se traduzam na melhoria das receitas e do bem-estar dos cafeicultores do mundo.

Com este propósito, os Senhores Presidentes Uribe Vélez, Lula da Silva e Maduro me manifestaram sua disposição de entrar num diálogo direto com os representantes da indústria dos países importadores, do qual eles participariam pessoalmente. Em atenção a isto, tomarei providências imediatas para estabelecer os contatos pertinentes e preparar as bases para a realização deste encontro.

Muito obrigado.

**Declaração Conjunta dos
Representantes dos Parlamentos da Colômbia e do Brasil
18 de setembro de 2003, Cartagena, Colômbia**

**DECLARAÇÃO CONJUNTA DOS
REPRESENTANTES DOS PARLAMENTOS DA COLÔMBIA E DO BRASIL**

Os representantes dos Parlamentos da Colômbia e do Brasil reuniram-se em Cartagena no transcurso da 89ª sessão do Conselho Internacional do Café e das celebrações dos 40 anos da Organização Internacional do Café e acordaram a seguinte Declaração Conjunta:

1. Nós, representantes dos Parlamentos da Colômbia e do Brasil, vemos com suma preocupação a atual crise que a cafeicultura mundial atravessa. A pronunciada queda das receitas dos cafeicultores em consequência do declínio sem precedentes dos preços internacionais do café, a desigualdade na distribuição da renda ao longo da cadeia de valor do café e a injustiça social decorrente dos efeitos negativos da crise estão gerando o deslocamento das populações rurais para os centros urbanos, o abandono das fazendas, o desemprego e a violência, e levando à tentação dos cultivos ilícitos. A crise mergulhou na pobreza mais de 100 milhões de cafeicultores no mundo todo, um fenômeno que ameaça desencadear um colapso social e político de gigantescas proporções.
2. Expressamos nossa indignação e perplexidade com a indiferença dos países consumidores ante a necessidade de encontrar soluções para a crise e de externar sua decidida e franca vontade política de oferecer alternativas que resultem na viabilidade e sustentabilidade a longo prazo de nossas cafeiculturas. Consideramos esta insensibilidade inaceitável.
3. Reconhecemos que a Organização Internacional do Café é o foro central para a coordenação e a cooperação cafeeira multilateral e apoiamos o programa de trabalho que vem sendo implementado para encontrar soluções estruturais para a crise.
4. Apoiamos a proposta apresentada pelos Presidentes da Colômbia, do Brasil e de Honduras de sentar-se e discutir com a indústria torrefatora multinacional, para conseguir uma melhor remuneração para nossos cafeicultores e assim reduzir significativamente os desequilíbrios ocasionados pelas imperfeições existentes nos canais de comercialização do mercado internacional de café.
5. Cremos que a criação de espaços adicionais de coordenação e cooperação, particularmente entre países produtores, são uma ferramenta necessária e complementar para impulsionar iniciativas e estratégias em benefício dos produtores.
6. Estamos convencidos de que o trabalho conjunto e a interação de nossos Parlamentos se converte num cenário essencial e definitivo para, através de coordenação e cooperação, o encontro de soluções políticas e legislativas para a crise. Devemos cumprir um mandato popular, que nos foi confiado por nossos eleitores, muitos dos quais cafeicultores empobrecidos, que nos compele a trabalhar sem descanso em busca de seu bem-estar e da melhoria de suas condições de vida.

7. Como parlamentares, não podemos ficar à margem, nem muito menos ausentes, diante da magnitude da crise do café. Nossa condição de legisladores nos impõe a responsabilidade histórica e política de tomar a iniciativa, participando, de forma pró-ativa e sem vacilar, da busca de soluções que ofereçam a nossos cafeicultores o exercício digno de sua atividade.
8. Por isso decidimos o seguinte:
- a) Criar a Frente Parlamentar Internacional de Defesa do Cafeicultor, para fortalecer a cooperação e coordenação em torno da problemática do café, e trabalhar conjuntamente, tanto a nível interno como internacional, na defesa da receita dos produtores.
 - b) Impulsionar iniciativas legislativas concertadas que resultem em benefício de nossas cafeiculturas.
 - c) Ampliar o grupo que hoje se constitui, convidando todas as instituições legislativas dos países produtores a participarem desta Frente Parlamentar Internacional.
 - d) Envolver os Parlamentos dos países consumidores na discussão global sobre as dimensões, conseqüências e causas da crise do café, e favorecer a adoção, nesses países, de medidas e ações legislativas que defendam os interesses dos produtores e dos consumidores finais.
 - e) Realizar uma reunião por ocasião da Conferência Mundial do Café, que se realizará no Brasil em 2004, para a qual serão convidados parlamentares de todos os países produtores e consumidores, com o propósito de definir as bases do trabalho desta cooperação interparlamentar.

Pelo Parlamento da Colômbia

Germán Vargas Lleras
Presidente do Senado

Miguel Alfonso de la Espriella Burgos
Senador

Sergio Díaz Granados G.
Representante na Câmara

Mario Gómez Estrada
Membro do Comitê Nacional

Pelo Parlamento do Brasil

Carlos Melles
Deputado

Silas Brasileiro
Deputado

Linneu C. da Costa Lima
Secretário de Produção e
Comercialização

**Mensagens de apoio recebidas por ocasião do
40^o aniversário da Organização
Setembro de 2003, Cartagena, Colômbia**

- S. Ex^a o Sr. Vicente Fox Quesada, Presidente dos Estados Unidos do México
- Sr. Poul Nielson, Comissário Europeu para Desenvolvimento e Ajuda Humanitária
- Sr. Ian Johnson, Vice-Presidente de Desenvolvimento Socialmente e Ambientalmente Sustentável, Banco Mundial
- Sr. Robert F. Nelson, Presidente e Diretor-Geral, National Coffee Association of the USA, Inc.

**MENSAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O SENHOR VICENTE FOX QUESADA,
PRESIDENTE CONSTITUCIONAL DOS ESTADOS UNIDOS DO MÉXICO**

Excelentíssimo Senhor Álvaro Uribe, Presidente da República da Colômbia;

Excelentíssimo Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República Federativa do Brasil;

Excelentíssimos Senhores Presidente e Vice-Presidente do Conselho Internacional do Café;

Ilustres Delegados e Participantes da 89ª sessão do Conselho Internacional do Internacional do Café;

Recebam todos minhas saudações mais atentas e minhas mais sinceras desculpas por não poder estar fisicamente presente numa data de transcendental importância para o setor cafeeiro mundial, que no México coincide com a celebração do sucesso histórico mais apreciado, que assentou as bases de nossa atual democracia – o 193º aniversário do Grito de Independência.

Para mim, é uma grande honra poder dirigir-me a todos os Senhores por ocasião de um evento tão importante como a 89ª sessão do Conselho e a comemoração do 40º aniversário da Organização Internacional do Café, organismo que, com amparo nos diferentes Convênios Internacionais assinados por nossos Governos, tem constituído uma peça fundamental da política internacional como o mais importante foro de coordenação e cooperação multilateral em torno de um produto como o café, que por vários séculos tem sido um suporte essencial de nossa economia, de nosso comércio, de nossa sociedade, de nossa cultura.

Tanto para os países produtores como para os importadores, o café é parte integral de nosso passado, de nosso presente, de nosso futuro.

O café tem proporcionado sustento a centenas de milhões de pessoas em todo o mundo, geração após geração, e deleitado outras centenas de milhões de pessoas.

Pelo café, trabalham dia a dia, de maneira incansável, milhões de produtores, beneficiadores, comercializadores e industrializadores.

Graças ao café, para milhões de consumidores a vida diária se torna melhor a cada sorvo degustado.

No entanto, é o setor cafeeiro que hoje precisa de nós, de nossa criatividade, de nosso espírito de solidariedade e cooperação, de nosso apoio, de nossa decisão.

É o setor cafeeiro o que mais do que nunca requer nossa disposição de apoiar, de maneira compartilhada e co-responsável, ações que contribuam, em escala global, para solucionar a crise conjuntural e estrutural do setor cafeeiro mundial, e que propiciem no, no âmbito de cada um de nossos países, uma sustentabilidade verdadeira da atividade.

No México, estamos convencidos de que os objetivos do Convenio Internacional do Café de 2001 são os eixos mestres que devem pautar a política cafeeira internacional em benefício de todos os membros da cadeia produtiva.

Por isso, desenvolvemos programas internos baseados na melhoria da qualidade, na promoção do consumo interno, na diversificação e sustentabilidade da atividade em todas as etapas da cadeia de valor;

Por isso, estruturamos uma política cafeeira nacional com visão de cadeia produtiva, totalmente congruente com os objetivos do Convênio;

Por isso, sempre pugnamos pelo fortalecimento da Organização Internacional do Café;

Por isso, estimulamos ativamente todas e cada uma das ações derivadas Resoluções do Conselho, que hoje se reúne;

Por isso, buscamos e prosseguiremos buscando incluir o tema do café e o desenvolvimento deste importante setor nas prioridades da agenda dos principais foros de cooperação regional e multilateral;

Por isso, instruí a delegação mexicana, liderada pelo Engenheiro Antonio Ruiz García, Subsecretário de Desenvolvimento Rural e o Licenciado Roberto Giesemann, Presidente Executivo do Conselho Mexicano do Café, a concentrar toda sua atenção, criatividade, esforço e dedicação aos trabalhos da 89ª sessão do Conselho Internacional do Café, com a certeza de que meu governo apoiará decididamente as Resoluções que sejam emitidas pelo Conselho.

Aproveito a ocasião para agradecer o convite de Sua Excelência o Senhor Álvaro Uribe, Presidente da Colômbia e anfitrião deste evento.

De igual maneira, aproveito para felicitar o Doutor Néstor Osorio Londoño, por seu impecável trabalho como Diretor-Executivo da Organização Internacional do Café.

Reitero a todos minhas mais cordiais saudações e a certeza de minha mais alta estima.

**MENSAGEM DO SENHOR POUL NIELSON, COMISSÁRIO EUROPEU
PARA DESENVOLVIMENTO E AJUDA HUMANITÁRIA**

Por ocasião do 40^o aniversário do Conselho Internacional do Café, desejo externar minhas mais sinceras congratulações ao Presidente do Conselho, ao Diretor-Executivo e a todos os países Membros da OIC.

Durante as quatro últimas décadas, a Organização Internacional do Café proporcionou um foro inigualável para o diálogo frutífero entre produtores e consumidores de café, e hoje, mais do que nunca, ela desempenha um papel imprescindível na economia cafeeira global.

A Comissão Europeia sempre teve na mais alta conta o excelente trabalho realizado pela OIC, sentindo-se honrada em representar a Comunidade Europeia em seus órgãos. Hoje, a Comissão Europeia reafirma sua intenção de desempenhar um papel ativo na OIC, com o propósito de garantir uma recuperação duradoura da atual incerteza que aflige a todos os países produtores de café. A este respeito, a Comissão Europeia pede a cooperação renovada e fortalecida, bem como a compreensão mútua de todos os participantes da OIC.

A Comissão Europeia dá grande importância ao setor dos produtos básicos e, para poder direcionar melhor nosso apoio e nossas atividades no futuro, no momento ela está levando a cabo uma análise minuciosa dos desafios que confrontam os produtores de produtos básicos nos países em desenvolvimento. Após a conclusão deste processo, a Comissão Europeia terá satisfação em compartilhar suas conclusões com todos os interlocutores interessados.

Nesta oportunidade, a Comissão Europeia também deseja reafirmar sua disposição de apoiar países, individualmente, na reestruturação dos respectivos setores cafeeiros, utilizando os instrumentos disponíveis de cooperação para o desenvolvimento.

Eu gostaria ainda de desejar um esplêndido futuro para a Organização e todos os seus Membros, e faço votos de que as deliberações dos Senhores alcancem muito bons resultados.

**MENSAGEM DO SENHOR IAN JOHNSON, VICE-PRESIDENTE DE
DESENVOLVIMENTO SOCIALMENTE E AMBIENTALMENTE SUSTENTÁVEL
(ESSD), BANCO MUNDIAL**

Gostaria de transmitir meus parabéns mais efusivos à Organização Internacional do Café, por ocasião de seu 40^o aniversário. Durante todos estes anos, a OIC tem sido o principal foro em que consumidores e produtores se reúnem para discutir questões cafeeiras. O café é um dos mais importantes produtos básicos para os países em desenvolvimento, em particular os mais pobres, e afeta as vidas de pelo menos 25 milhões de famílias no mundo todo. A produção cafeeira tem aspectos tanto sociais como ambientais cuja importância se torna ainda mais crucial em períodos de crise como o que hoje atravessamos. O Banco Mundial há muito presta atenção ao café e tem diversos programas que direta ou indiretamente beneficiam o setor cafeeiro dos países produtores. Nossa colaboração com a OIC é muito importante na exploração de instrumentos para ajudar os países produtores de café. Esta colaboração se manifestou em nossa Mesa-Redonda de Alto Nível que, com muito sucesso, a OIC e o Banco Mundial organizaram conjuntamente em maio passado, em Londres, em busca de soluções de longo prazo para o café. Meus votos são de que no futuro a colaboração entre nossas duas organizações possa sempre continuar e se fortalecer.

**MENSAGEM DO SENHOR ROBERT F. NELSON,
PRESIDENTE E DIRETOR-GERAL,
NATIONAL COFFEE ASSOCIATION OF THE USA, INC.**

A National Coffee Association of USA deseja se congratular com a Organização Internacional do Café por seu 40º aniversário. Nestas quatro últimas décadas, a OIC tem sido um importante foro em que o setor cafeeiro mundial se congrega para resolver questões de interesse mútuo. Analogamente, devido à sabedoria de sua liderança durante todos estes anos, a OIC evoluiu e se transformou num organismo contemporâneo, que se orienta para o mercado livre, concentrando-se na construção de capacidade.

Lamento que, devido a eventos anteriormente programados em Washington, não poderei comparecer à importante reunião em que o 40º aniversário da Organização Internacional do Café será celebrado na Colômbia. Em nome da National Coffee Association, porém, desejo reconfirmar o decidido apoio da indústria cafeeira norte-americana à volta do Governo dos Estados Unidos à Organização Internacional do Café.

Durante estes tempos de desafio para o setor cafeeiro, é essencial que a Organização Internacional do Café desempenhe um papel de liderança e sirva de ponto central para o avanço do setor cafeeiro e a concretização de um futuro sustentável para o café. No coração de tudo isto, deve estar o reconhecimento de que o triunfo sobre os desafios de hoje dependerá de nos conscientizarmos de nossas necessidades, objetivos e ideais comuns e de nosso trabalho conjunto para alcançá-los. A energia coletiva de toda a comunidade cafeeira será necessária para influir positivamente nas vidas de todos que dependem do café para seu sustento. Se elegermos manter nossa unidade como setor global, um mundo de oportunidades e de recompensas se tornará possível. A Organização Internacional do Café pode e deve assinalar os caminhos para esse mundo de oportunidades e recompensas.

Peço que transmita meus sinceros votos de uma reunião produtiva a todos os presentes que, através de seus compromissos individuais e coletivos para com a Organização Internacional se tenham dedicado à melhoria do setor cafeeiro em todo o mundo.

Aproveito a oportunidade para reiterar meus protestos da mais elevada estima e consideração.